



TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE INGRESSANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA DE UMA UNIVERSIDADE PARTICULAR PAULISTA

SCHOLAR TRAJECTORY OF FRESHMANS FROM A CHEMISTRY TEACHER PREPARATORY COURSE OF A SAO PAULO PRIVATE UNIVERSITY

Luciana Massi¹
Luci Regina Muzzeti²
Alberto Villani³

¹Instituto de Física/USP, lu_massi@yahoo.com.br

²Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara/UNESP, lucirm@fclar.unesp.br

³Instituto de Física/USP, avillani@if.usp.br

Resumo: Neste trabalho analisamos as trajetórias escolares de dezesseis alunos ingressantes do curso de Licenciatura em Química de uma universidade particular paulista, objetivando examinar os percursos escolares percorridos pelos estudantes e as estratégias colocadas em prática pelas famílias e por eles próprios no decorrer do itinerário escolar. A análise das trajetórias escolares se baseou nos relatos escritos produzidos pelos alunos apoiados em um roteiro de questões que nortearam a produção dos textos. A pesquisa se fundamentou nos estudos bourdieunianos, cujo referencial teórico nos permitiu identificar, por meio das categorias de análise *habitus*, *capital cultural*, *capital social*, *capital econômico* e *estratégias*, os mecanismos objetivos que influenciam as práticas, os comportamentos, as expectativas e os estilos dos agentes em relação ao universo escolar. Os dados mostraram a pouca participação das famílias nas vidas escolares dos agentes, apesar da sua influência no encaminhamento para o Ensino Superior, mesmo que de maneira indireta.

Palavras-chave: trajetórias escolares, licenciatura em química, sociologia da educação.

Abstract: In this work we analyze the scholar trajectory of sixteen freshman students from a chemistry teacher preparatory course from a Sao Paulo private university, in order to examine their scholar route traveled by the students and the strategies employed by their families and themselves along the scholar route. The analysis of the scholar trajectory was based in the written reports produced by the students following a questionnaire roadmap which guided the production of the texts. The research was supported by Bourdieu's studies, whose theoretical framework allowed us to identify, by their analysis categories *habitus*, cultural capital, social capital, economic capital and strategies, the objective mechanisms that influence the agent practice, behaviors, expectations and styles according to the scholar universe. The data showed the few family participation in agents scholar life, besides their influence in the agents routing to the higher education, although it happened in an indirect way.

Key-words: scholar trajectory, chemistry student, education sociology.

INTRODUÇÃO

Até meados do século XX, predominava nas Ciências Sociais e mesmo no senso-comum uma visão extremamente otimista, amplamente apoiada no mito do dom e do mérito. Essa visão atribuía à escolarização um papel central no duplo processo de superação do atraso econômico, do autoritarismo e dos privilégios atribuídos às sociedades tradicionais, e de construção de uma nova sociedade justa (meritocrática), moderna (centrada na razão e nos conhecimentos científicos) e democrática (fundamentada na autonomia individual). Supunha-se que por meio da

escola pública e gratuita o problema do acesso à educação seria resolvido e, assim, garantidos os princípios de igualdade de oportunidade entre os cidadãos. Os indivíduos competiriam dentro do sistema de ensino em condições iguais e aqueles que se destacassem por seus dons individuais seriam levados a posições superiores na sociedade (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2002).

Uma série de acontecimentos ocorridos nos anos 60 e 70 levaram a uma crise dessa concepção, de modo geral, causados pela necessidade econômica das indústrias de terem mãos-de-obra mais bem preparadas do que aquelas que apenas detinham o ensino primário tal fato, foi causado pelo desenvolvimento industrial e científico pós-guerra e pela Guerra Fria, que coloca em cheque o mito da escola Libertadora e de que todos tinham as mesmas chances diante do sistema de ensino. Já que todas as tentativas governamentais de Países tais como: França e Estados Unidos de tentarem por meio de políticas de inclusão que visavam, em última instância, inserir todos os indivíduos nos mais altos graus do sistema de ensino, foram um fracasso (MUZZETI,1999). A percepção, por meio de dados, de que a origem social tinha um peso muito importante no sucesso dos alunos dentro do sistema de ensino, tornou-se clara, ou melhor, desvelada. As condições, nesse caso, a origem social de cada aluno são diferentes e a escola vinha planejando o ensino com base na premissa de que todos eram iguais. É dentro desta perspectiva de crise que Pierre Bourdieu propõe seu novo modo de interpretação da sociedade e também da escola e da educação. “Onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver a reprodução e legitimação das desigualdades sociais”, sendo a educação uma das principais instituições por meio da qual se mantém e se legitimam os privilégios sociais (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2002).

Diante dessa perspectiva, o objeto deste trabalho consistiu em analisar as trajetórias escolares de ingressantes do curso de Licenciatura em Química de uma universidade particular paulista. Para isso, foram consideradas algumas categorias elaboradas por Pierre Bourdieu, necessárias para o entendimento e desvelamento dos meandros do sucesso ou fracasso escolar dos alunos de diferentes frações de classes. São elas: *habitus*, *capital cultural*, *capital social*, *capital econômico*, *estratégias*. Além de outras informações como o nível e entorno cultural dos alunos, descendência, número de fratria, ordem de nascimento, gênero e valores que também foram relacionadas às referidas categorias.

A categoria *habitus* permeou todo o trabalho, pois é a que melhor reflete a herança cultural. É por meio dela que tentamos identificar os comportamentos dos agentes em relação ao mundo simbólico e, mais particularmente, em relação ao universo escolar. Para Bourdieu, o *habitus* é um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos leva a agir de determinada forma em uma circunstância dada.

“[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas” (BOURDIEU, 1983, p.65)

Essas disposições não são nem mecânicas, nem determinísticas, são plásticas, flexíveis, podendo ser fortes ou fracas, e são adquiridas pela interiorização das estruturas sociais, mas são de tal forma internalizadas que chegamos a ignorar que existem. O produto de uma aprendizagem, de um processo do qual já não temos consciência e que se expressa por uma atitude "natural" de nos conduzirmos em um determinado meio. Segundo Bourdieu (1984¹, apud THIRY-CHERQUES, 2006) “o *habitus*, como diz a palavra, é aquilo que se adquiriu, mas que se encaixou no corpo de forma durável sob a forma de disposições permanentes. [...] O *habitus* é um capital que, sendo incorporado se apresenta com as aparências de algo inato”.

¹ BOURDIEU, P. Questions de sociologie. Paris: Lés Éditions de Minuit, 1984.

Para Bourdieu, não somos livres nem determinados, somos o produto de estruturas profundas. Por este motivo, Bourdieu não trabalha com o conceito de sujeito, prefere o de agente. Os indivíduos são agentes à medida que atuam e sabem que são dotados de um senso prático, um sistema adquirido de preferências, de classificações, de percepções (BOURDIEU, 1996).

“Aplicado à educação, esse raciocínio indica que os grupos sociais, a partir dos exemplos de sucesso e fracasso no sistema escolar vividos por seus membros, constituem uma estimativa de suas chances objetivas no universo escolar e passam a adequar, inconscientemente, seus investimentos a essas chances. Concretamente, isso significa que os membros de cada grupo social tenderão a investir uma parcela maior ou menor dos seus esforços - medidos em termos de tempo, dedicação e recursos financeiros - na carreira escolar dos seus filhos, conforme percebiam serem maiores ou menores as probabilidades de êxito. A natureza e a intensidade dos investimentos escolares variariam, ainda, em função do grau em que a reprodução social de cada grupo (manutenção da posição estrutural atual ou da tendência à ascensão social) depende do sucesso escolar dos seus membros. Assim, as elites econômicas, por exemplo, não precisariam investir tão pesadamente na escolarização dos seus filhos quanto certas frações das classes médias que devem sua posição social, quase que exclusivamente, à certificação escolar. Bourdieu (1998²) observa, também, em terceiro lugar, que o grau de investimento na carreira escolar está relacionado ao retorno provável, intuitivamente estimado, que se pode obter com o título escolar, não apenas no mercado de trabalho, mas, também, nos diferentes mercados simbólicos, como o matrimonial, por exemplo. Esse retorno, ou seja, o valor do título escolar nos diversos mercados, variaria, basicamente, em função de sua maior ou menor oferta. Quanto mais fácil o acesso a um título escolar, maior a tendência a sua desvalorização ("inflação de títulos").”(NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 23)

Na concepção de Bourdieu, o *habitus* entendido como *sistemas de disposições*, tem como seu produto não somente as *práticas dos agentes*, mas também a *herança cultural*, que é formada pelo *capital cultural*, e o *ethos*, que tende a condicionar o êxito e o fracasso dos diferentes agentes em relação à escola e à universidade. Na visão de Bourdieu, essa *herança cultural*, que é uma herança social colada à herança biológica, herdada diretamente do meio familiar, pode ser entendida como códigos culturalmente legítimos que uma determinada sociedade seleciona como dignos de serem apreendidos e também como a relação que os diferentes agentes mantêm com esses códigos que pode ser desenvolva, distintiva, familiar, natural ou, então, tensa, escolar, embaraçosa, nervosa, dependendo da origem social dos grupos de agentes e da maneira que ele teve contato com estes códigos, que, como se sabe, tende a diferir em cada camada social. Essa relação cultural desenvolva, natural com o saber é apreendida pelos agentes no interior de seu ambiente familiar, por meio da aprendizagem imperceptível proporcionadas pelas famílias próprias das camadas culturalmente privilegiadas (MUZZETI, 1999). Nessa mesma direção, Bourdieu observa que como essa familiaridade com a cultura e com a linguagem é proporcionada pela aprendizagem imperceptível, osmótica, natural, proporcionada no interior do contexto familiar, sem qualquer esforço metódico, ele não é percebido como tal pelos agentes e, como consequência, esses conhecimentos são atribuídos ao dom, às aptidões inatas e a vocação. Segundo Bourdieu, a escola e a universidade privilegiam essa relação natural, desenvolva com o saber e com a linguagem e a exige dos agentes que receberam heranças culturais diferentes. Nessa visão, a universidade ou a escola, por meio de seus juízos, sanções, notas, advertências,

² BOURDIEU, P. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

valoriza essa cultura própria das camadas intelectualizadas, prejudicando aqueles que não a detêm.

Bourdieu observa, ainda, que o *habitus*, sistema de disposições, produz práticas, ações, consciente ou inconscientemente orientadas, para funcionar como estratégias de reprodução que visam, em última instância, a manter ou melhorar a posição do grupo na estrutura social. Desta forma, as frações mais ricas em capital cultural como os intelectuais e os professores tendem a investir na educação de seus filhos e filhas em detrimento dos investimentos econômicos. Por sua vez, as frações mais dotadas de capital econômico, como os agentes comerciantes e empresários, inclinam-se a investir mais nos investimentos que objetivam a aumentar seu patrimônio econômico (BOURDIEU, 1974a, 1998). O autor observa que por serem abastados economicamente, os jovens pertencentes a esse grupo social inclinam-se a não empregar grandes esforços diante da escola e a não obter o máximo de rendimento de sua herança cultural, pois o seu meio social lhes assegura garantias que prescindem de sua sanção. Somam-se a isso os atrativos próprios e seu estilo de vida como, por exemplo, lazeres, passeios, festas, viagens, etc, que concorrem com as “exigências ascéticas do sistema de ensino”. E, por fim, chama a atenção para os profissionais liberais, como os advogados, dentistas e médicos, que possuem, de certa forma, o capital econômico e cultural e que tendem a investir na educação de sua prole, em práticas culturais como, por exemplo, cursos de línguas, dança, computação, pintura, viagens, etc, como também em investimentos econômicos. Bourdieu ainda acrescenta que enquanto tendência os agentes ou grupos de agentes que detêm um relativo capital cultural e econômico, inclinam-se a investir nos estudos, pois vêem a instituição escolar como um meio possível de ascensão social. Acrescenta que quanto mais seu êxito social depende de seu êxito escolar, enquanto tendência, mais o agente tende a investir seus esforços pessoais neste espaço

METODOLOGIA E CONTEXTO DA COLETA DE DADOS

Este estudo analisou os alunos ingressantes em fevereiro de 2009 do curso de Licenciatura em Química de uma universidade particular paulista. A referida Instituição foi criada na década de 50, inicialmente como uma Escola de Datilografia e transformada posteriormente em Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, depois Centro Universitário, até se transformar em Universidade no ano de 2008. Ao longo dessa trajetória vivenciou um crescimento constante, evidenciado pela ampliação dos campi localizados na capital e do número de alunos matriculados, sendo atualmente uma das maiores universidades do Estado de São Paulo e do Brasil. O curso de Licenciatura em Química foi criado em 2009, sendo oferecido no período noturno em apenas um dos campi da Universidade, devido à quantidade de alunos matriculados. A grade curricular do curso prevê, além das disciplinas de conteúdos específicos de Química, o oferecimento semestral da disciplina “Prática de Ensino”, na qual os alunos, fundamentados nos conhecimentos de química adquiridos, seriam responsáveis por elaborar e ministrar aulas sobre conteúdos químicos abordados no curso.

Atuando como docente dessa Instituição e responsável pela disciplina “Prática de Ensino I”, um dos pesquisadores desse estudo propôs como uma primeira avaliação a elaboração de textos nos quais os alunos contariam suas trajetórias escolares. Esse texto seria escrito com base em um roteiro de questões bem extenso, abordando aspectos como dados pessoais; informações sobre a família; sobre a vida escolar em cada etapa de escolarização; e práticas culturais. Esta avaliação tinha como objetivo permitir que o docente conhecesse o perfil dos alunos para planejar as ações futuras da disciplina. Assim, era foco do texto a relação que o estudante havia estabelecido com outros professores ao longo de sua trajetória e de que forma ela havia contribuído ou não para o encaminhamento do mesmo para um curso de licenciatura.

Após a avaliação dos textos, os alunos foram convidados a participar do presente estudo, que não teria nenhuma relação com a disciplina. Assim, foram distribuídos questionários curtos nos quais todos os alunos presentes responderam de forma escrita e anônima as seguintes

questões: Qual é seu sexo? E a sua data de nascimento? Qual é o bairro/cidade onde você mora? Qual a profissão do seu pai? Qual a profissão de sua mãe? Qual sua renda familiar? Em que faixa econômica você situaria sua família? Qual é o nível de instrução de seu pai? E de sua mãe? Você exerce alguma atividade remunerada? Qual? Você tem alguma bolsa de estudo?

Aqueles que tivessem interesse em participar do estudo deveriam assinar um termo de consentimento e informação, no qual autorizavam o pesquisador a utilizar os textos produzidos pelos alunos para a disciplina, na análise de suas trajetórias escolares. Visando proteger a identidade dos licenciandos, todos os nomes citados neste trabalho são fictícios.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos questionários curtos distribuídos a todos os alunos do curso permitiu o desvelamento de um perfil geral da classe. Apesar de existirem 43 alunos matriculados, nesse dia apenas 35 estavam presentes e responderam ao questionário, o que nos permitiu chegar às seguintes observações. Quanto ao gênero percebemos que 22 dos alunos são do sexo masculino e 13 do sexo feminino, indicando uma predominância de homens no curso. A idade dos alunos varia de 18 a 47 anos, sendo 27 anos a idade média dos alunos. Assim a maioria, 21 alunos, se encontra na faixa dos 20 aos 29 anos; apenas 9 alunos têm idades superiores e 5 alunos têm idades inferiores a essa faixa. Quanto ao bairro e cidade onde os alunos moram, percebemos que a maioria (19 alunos) mora em bairros periféricos da cidade de São Paulo; alguns moram em bairros centrais da cidade (8 alunos); outros em municípios vizinhos (7 alunos); e apenas 1 aluno mora no interior do Estado de São Paulo.

Em relação à profissão do pai, alguns alunos não responderam a questão por não conhecerem o pai; assim, obtivemos um total de 26 respostas. A grande maioria deles (21) atua em áreas que não exigem qualificação escolar, tais como: mestre de obras, comerciante, mecânico, segurança, soldador, vendedor, taxista, gerente de vendas. Esses dados indicam que o capital cultural dos pais desses depoentes, revelado pela profissão, é muito “baixo”, o que significa que os alunos não têm um significativo capital cultural a ser herdado. Apenas 5 pais atuam em áreas que exigem maior nível de escolarização: vice-diretor de escola pública, funcionário público, maestro, empresário, assessor e bancário. Quanto à profissão das mães, percebemos que a grande maioria é dona de casa (18), as demais (12) atuam em áreas que não exigem qualificação escolar como empregada doméstica, diarista, artesã, costureira, manicure, operadora de telemarketing, restauradora de tapetes. Apenas 4 apresentam situação distinta, sendo 2 professoras, 1 farmacêutica e 1 técnica de enfermagem. E 1 das mães era aposentada mas o aluno não citou a profissão dela. Destacamos, ainda, que alguns alunos citaram a condição de aposentado ou falecido como profissão do pai ou da mãe o que impossibilitou a classificação deles dentro dos dados apresentados.

Quanto ao nível de instrução dos pais, 3 alunos responderam que não tinham essa informação. Em 19 casos, ambos (pai e mãe) tinham a mesma escolaridade, e neles encontramos 1 caso de analfabetos, 6 com o ensino fundamental, 9 com o ensino médio e apenas 1 com o ensino superior, também haviam 2 casos em que o aluno não forneceu a informação sobre nenhum dos pais. Nos casos em que havia diferença entre a escolaridade do pai e da mãe, observamos que a mesma quantidade de pais (3), concluiu o ensino fundamental ou o superior, mas a maioria dos pais concluiu o ensino médio (5), 5 alunos disseram não ter essa informação. Quanto às mães encontramos 2 casos de analfabetismo, 3 mães com o ensino fundamental, 5 com o ensino médio e 6 com o ensino superior. Quanto aos alunos, observamos que apenas 8 disseram não trabalhar e 1 não forneceu essa informação; os demais (26) atuam em áreas que exigem nível técnico ou pouca qualificação escolar. Nenhum dos alunos questionados tinha bolsa de estudos da instituição ou do governo.

A partir do roteiro de questões fornecido aos alunos, eles deveriam elaborar um texto contando sua trajetória, enfocando a vida escolar. Em um segundo momento, dentre os 35 alunos

que entregaram as narrativas, 18 assinaram o termo de consentimento e informação e, portanto, tiveram seus textos analisados para elaboração deste trabalho. A investigação dos textos revelou que muitas informações foram perdidas, pois nem todos os alunos responderam todas as questões do roteiro, o que restringiu parcialmente nossa análise. Além disso, 1 dos alunos não respondeu nenhuma das questões que eram nosso foco de interesse e, com isso, seu texto não foi considerado neste trabalho, nos levando ao total de 17 trajetórias escolares.

Na análise dos textos produzidos pelos alunos, tentamos inicialmente observar se haviam grupos de frações de classes distintas. Percebemos, porém, que, dentre os 17 alunos questionados, apenas 1 deles apresentava um perfil sócio-econômico notadamente diferente dos demais, e, portanto, não será discutido neste trabalho. Assim, pudemos analisar os demais, como um bloco relativamente homogêneo de alunos advindos da camada popular, como podíamos prever a partir da análise dos questionários. Apesar de alguns se considerarem pertencentes à camada média, percebemos pela faixa de renda e pela categoria sócio-profissional do chefe de família, comumente numa sociedade patriarcal representado pela figura do pai, que esses alunos também pertencem à camada popular.

Essa categorização se faz necessária, pois segundo os estudos bourdieunianos, as perspectivas de uma família em relação ao destino escolar de sua descendência dependem das condições materiais de existência que caracterizam seu grupo social ou fração de classe na estrutura da sociedade, num determinado momento histórico, e também do capital cultural, do capital social e do capital econômico que formam o seu patrimônio.

Os textos dos 16 alunos serão discutidos a seguir de acordo com 4 categorias principais, destacadas dentre as questões presentes no roteiro: situação sócio-econômica da família; relação família-escola; práticas culturais; escolha e expectativa do curso de graduação.

Situação sócio-econômica da família

O estudo deste enfoque, nos textos apresentados pelos alunos, revelou que as famílias dos licenciandos tinham em média 5 membros, sendo pai, mãe e 3 filhos. Em alguns casos, as famílias menores mantinham o número de filhos, porém, o pai não era considerado integrante da família, por ser desconhecido dos filhos ou por ter abandonado a família; em um dos casos a família tinha 6 integrantes sem considerar o pai. Já alguns alunos tinham famílias maiores que a média, com 7, 8 ou até 9 membros. O fato das famílias nas camadas populares ser, na maioria dos casos, maior que a das classes médias, é justificado por Bourdieu (1974b) pelo fato desses filhos não representarem custo elevado para os pais, uma vez que não se pretende fazer investimentos educativos. Para Bourdieu, “essas famílias não podem desejar para sua prole nada mais do que o seu presente”.

Quanto ao bairro onde as famílias vivem atualmente, percebemos, assim como no questionário, a predominância de bairros periféricos da cidade de São Paulo, tais como Vila Nova Cachoeirinha, Guaianazes, Itaquera, entre outros. Apenas o aluno Lúcio mora em Ribeirão Pires, no interior de São Paulo, mas trabalha em São Paulo.

A profissão dos pais repete o padrão encontrado na análise dos questionários, sendo, na maioria, profissões que exigem pouca ou nenhuma qualificação escolar, tais como vendedor, gerente, taxista, pedreiro, metalúrgico, ferroviário, vigilante, caminhoneiro, padeiro, comerciante. Já as mães, apresentam profissões socialmente inferiores ou similares às dos pais, tais como costureira, doméstica, manicure, diarista, dona de casa. Esses pais, como podemos prever, tem baixo nível de escolaridade, a maioria apenas concluiu a quarta série do Ensino Fundamental, e alguns são até analfabetos. Por outro lado, nas famílias de dois alunos, Ana e Rui, encontramos mães com nível superior (magistério normal) e atuando como professoras do Estado, o que percebemos influenciar as trajetórias escolares desses alunos. Outra exceção é o caso da aluna Giovana, seu pai é gerente de banco e tem curso superior incompleto e sua mãe é enfermeira com nível técnico. E o caso da aluna Diana, cujo pai fez faculdade de música, mas

atuou como gerente de supermercado e hoje é dono de um estúdio musical, porém abandonou a família há bastante tempo e não parece exercer influência direta na trajetória da aluna.

Relação escola-família

Observamos que a maioria dos alunos realizou todos os seus estudos em escolas públicas, mesmo porque seus pais não tinham capital econômico suficiente para manterem toda a prole na escola particular, como consequência, tiveram mudanças na instituição de ensino ao longo de suas trajetórias. Geralmente, como decorrência das alterações impostas pelo governo, por exemplo, a municipalização que separou escolas de Ensino Fundamental e Médio. Para esses alunos a escolha pelo estabelecimento de ensino era guiada principalmente pela localização da escola, sem preocupações com segurança ou qualidade de ensino. Como a pesquisa revelou a maioria dos progenitores não detinham um capital cultural distintivo, portanto inferimos a hipótese que a qualidade do ensino das escolas de seus filhos para eles não era objeto de percepção ou de preocupação, por conta do seu desvalorizado e dominado capital cultural ou por não deter em seu capital cultural as hierarquias de distinção de qualidade dos estabelecimentos de ensino.

De maneira geral, também percebemos que a trajetória de todos os alunos é marcada pelas transições e mudanças. Sejam elas de estabelecimento de ensino dentro da rede pública, pelas razões já citadas, ou também a mudança do tipo de estabelecimento (público ou particular) em função da situação econômica. Para algumas famílias, como as de José e Lúcio, a escola particular surge como opção para o Ensino Médio e/ou Técnico, como uma estratégia para melhorar a qualidade de ensino e assim talvez ampliar as chances de sucesso na atuação profissional. Como se pode notar, a mudança de escolas ou escolhas por cursos está diretamente ligada às condições econômicas vivenciadas pelas famílias no momento da decisão.

Em outros casos, como os das famílias de Sandro e Felipe, a situação é invertida, pois os alunos estudavam em escolas particulares nas séries iniciais e as famílias tiveram que tirar os filhos da escola particular por falta de condições financeiras. Como conta Felipe:

“Meu pai tinha uma remuneração acima da média, por esta questão esforço conquistou alguns bens materiais como a casa própria, automóveis e terrenos. Optou também para nos favorecerem os melhores estudos nos matriculando no Instituto São Pio X, onde eu estudei da pré-escola até a 3ª série do primário, por ser um colégio de freiras, o ensino era bem rigoroso, logo na 1ª série já tínhamos a disciplina de Inglês.

Com a aposentadoria do meu Pai se tornou difícil manter três filhos neste Colégio, então seguimos para a Escola do Estado “Toufic Jouliau”. Tive algumas dificuldades de adaptação, referente ao horário de estudo, estava acostumado com o horário integral e na nova escola era praticamente 6 horas, parecia que ficava um vazio, mas tinha o lado bom sobrava mais tempo para eu jogar futebol, o que mais gostava de fazer”

Esse depoimento vem ratificar a insegurança vivenciada por esta camada social e a vulnerabilidade dela diante dos dissabores da falta de capital econômico e da insegurança econômica.

Quanto à participação das famílias na vida escolar, a verificação de tarefas e o incentivo dos estudos em casa, percebemos que a maioria das famílias não se envolvia efetivamente com essas questões. Havia um incentivo e preocupação dos pais para que fossem cumpridas as obrigações escolares, mas sem atuação direta. A escola era vista como possibilidade de ascensão social, por isso havia o incentivo dos pais. Nos chama a atenção o depoimento de Igor que conta que a mãe, apesar de ser diarista e ter pouco estudo, sempre o orientava nos estudos e participava das reuniões, pois dizia que “o estudo é a chave para um futuro melhor”. Essa postura da mãe de Igor foi reforçada pelo pai, como percebemos através do seguinte relato:

“Por não ter a supervisão dos meus pais e não gostar do período em que estudava e da escola por não conhecer os colegas, comecei a faltar muito e a mentir para meus pais. Até que no 3º bimestre revelei a situação e nem quis me recuperar. Diante disso, meu pai me trouxe para São Paulo e me ensinou uma lição que não esqueço. Na época tinha 13 anos completos e tive que trabalhar como ajudante de pedreiro. Após duas semanas e totalmente sem forças, meu pai perguntou se eu queria isso pra minha vida, afinal por não ter estudo, ele teve que optar por esta profissão. Percebi então a importância de se ter conhecimento mais amplo.”

Frases como a da mãe de Igor, podem ser encontradas em outros textos, como o de Rafaela, que ouvia dos pais (padeiro e doméstica) que “o futuro correto era na escola e que qualquer serviço exigiria ensino médio”. Ou a história de Silvio, cujos pais achavam importante estudar para que os filhos tivessem um trabalho melhor que o deles (funcionário público municipal e diarista). A mãe de Caio (doméstica) também ressaltava a importância da escola e dizia que “o estudo é o começo de tudo”, segundo ele a mãe lhe dava “chineladas” quando tirava notas ruins e presentes quando as notas eram boas.

A mesma postura repreensiva é percebida em outros relatos, como o de Mara, que reprovou de ano e os pais acharam ruim, mas não brigaram com ela. Silvio também conta que os pais “ficavam tristes com as reprovações e nos repreendiam [aos filhos], mas não com agressões ou constrangimentos”. Essa postura também pode ser percebida no relato de Giovana, que descreveu o choque dos pais ao saberem que ela reprovou por faltas “porque namorava”.

Como podemos perceber, a valorização da escola não se refletia em um acompanhamento direto da vida escolar dos alunos, geralmente porque os pais não tinham conhecimentos suficientes para tanto, ou seja, não detinham capital cultural suficiente para ajudá-los nas tarefas escolares. Mas, utilizavam como estratégia educativa os conselhos cotidianos, a valorização da escola e os vários relatos das vidas melhores que poderiam ter se estudassem, burlando, assim, o trabalho braçal e a vida sofrida que seus progenitores levavam. Como Beto, cujos pais não verificavam as lições, pois “mal sabiam ler e escrever”. Ou também por estarem ocupados com o trabalho, como aparece no relato de Silvio, cujos pais “só iam à escola no dia da matrícula”. Em alguns casos as famílias precisavam da ajuda de parentes (tias e avós) para frequentar a escola e tentar acompanhar o desempenho dos filhos, como as tias de Rafaela, que iam às reuniões no lugar dos pais. Ou como a avó de Joice, que escolhia as escolas, vistoriava e ajudava nas tarefas escolares e também reclamava quando a aluna “ia mal” na escola, pois a mãe tinha outra filha pequena para cuidar.

Em outros casos, mesmo não tendo estudo e tempo suficiente para se dedicar aos filhos, as mães atuavam mais diretamente na vida escolar dos alunos. A mãe de Caio, por exemplo, o ensinou a contar, ia sempre às reuniões e contribuía com a Associação de Pais e Mestres (APM) da escola. As mães de Eli e Lúcio os ensinaram a ler e escrever e frequentavam as reuniões da escola. Outro caso de maior participação dos pais é o de Felipe, que atuou como jogador de futebol profissional, por isso precisava do auxílio da mãe para pegar o caderno dos colegas quando ele não podia ir à escola e mudar dias das provas quando ele faltava. A preocupação dela se refletia na sua fala: “seu maior orgulho era ter um filho inteligente que não repetisse o ano jamais”. Percebemos nesse caso também que a valorização da escola só aparece na superfície das histórias, mas é inconsistente na prática. A própria opção pela profissão de jogador de futebol demonstra que a família não tinha grandes expectativas para o filho em relação à escola.

No caso de Ana não só a mãe, mas toda a família era bem atuante na sua vida escolar; ela conta que sua mãe a ensinou a ler; a mãe e o irmão mais velho tiravam suas dúvidas e até o pai ajudava nas tarefas. A família ficava satisfeita com os resultados positivos, mas davam broncas quando ela tirava notas vermelhas e batiam nela quando ela levava “bilhetes” para casa. No seu relato, Ana traz várias informações sobre a sua vida escolar, que demonstra a baixa

qualidade de ensino que a aluna vivenciou em diversas escolas estaduais. O que novamente evidencia que a preocupação da família não era acompanhada de grandes investimentos escolares. Como explica Bourdieu (1974b) a inclinação e os investimentos nos estudos são ainda maiores quando a família é desprovida relativamente de capital econômico e social, não tendo outras vias de alcançar o êxito social, a não ser através do sistema de ensino, aderindo aos valores da escola e aí depositando todas suas esperanças. No entanto, como percebemos nos relatos, essa adesão não é acompanhada de uma prática efetiva de incentivo e acompanhamento da vida escolar.

Práticas culturais

No aspecto das práticas culturais dos alunos, vivenciadas no decorrer de suas trajetórias escolares, percebemos que a frequência a teatros e museus só se dava em excursões promovidas pelas escolas dos licenciandos. Como conta Igor, que visitou o Museu do Ipiranga, o zoológico e alguns pontos turísticos de São Paulo com a escola; ou Caio que visitou o Memorial da América Latina em uma excursão da escola. Em geral, praticamente todos os alunos contam terem sido levados pela escola pelo menos ao zoológico. A maioria também relatou frequentar o cinema, tanto individualmente quanto na companhia de familiares e amigos.

Quanto a viagens, poucos alunos contam de lugares que visitaram com a família, e quando existia essa prática em geral eram viagens ao litoral de São Paulo. Uma exceção é a família de Ana, que a levou para Camburiu (SC), Búzios (RJ) e ao interior de São Paulo. Outro caso, que difere dos demais, é a história de Felipe que era jogador profissional e por isso, morou em Santos e viajou para o sul do país e para a Grécia para jogar futebol.

A leitura de jornais e revistas em casa também não foi citada como prática cultural dos alunos. Alguns citaram certos tipos de livros e autores que preferem, como Ana que gosta de livros sobre espiritismo e Beto que costumava de ler livros infanto-juvenis da Série Vaga-Lume.

No entanto, nos chamou a atenção o papel de destaque que a Igreja desempenha na vida de alguns licenciandos. Como no caso de Rafaela que, nunca foi “de frequentar lugar algum além da minha igreja”. É também nesse ambiente que os alunos aprendem a tocar instrumentos e participam de bandas evangélicas. Como conta Rui que aos 14 anos de idade começou a frequentar uma Igreja Evangélica e aos 15 anos começou a estudar violino e depois trompete, que ele toca há 9 anos, na banda “oficial” da Igreja. E Caio que montou um “Ministério de Música” na Igreja que frequenta, no qual ele cantava e tocava violão, baixo e guitarra. Em outros textos a referência à Igreja como prática cultural não é explícita, mas percebemos a sua participação na vida dos alunos, como no relato da aluna Diana que conclui o texto com a expressão “apenas Deus é fiel”.

Escolha e expectativas do curso de graduação

O quadro apresentado sobre a situação sócio-econômica e a relação família-escola revela o capital econômico e cultural dessas famílias, o que nos leva a perceber que o patrimônio herdado dos pais não favoreceu nos alunos uma relação natural com o saber ou o que Bourdieu considera como “cultura legítima”. Isso justifica o fato dos alunos cursarem uma universidade particular, cujo vestibular é apenas classificatório, como podíamos esperar a partir de suas trajetórias. Reforça esse fato a percepção de que atualmente o acesso ao Ensino Superior foi amplamente facilitado, sendo similar ao que o Ensino Médio representava há algum tempo. Porém, os dados ainda nos suscitam o questionamento sobre o que os levou ao nível superior, apesar das dificuldades vivenciadas. E também o questionamento sobre o que os levou à escolha pelo curso de Química.

Acreditamos que isso pode ser parcialmente compreendido por meio dos estímulos e incentivos que eles receberam de familiares, amigos ou colegas. Esse fator já havia sido percebido pelos estudos bourdieunianos, segundo os quais, a presença de um agente que exerceu

atividade intelectual no círculo de relações da família faz com que ela tenha uma situação cultural diferente das demais famílias de sua classe, uma vez que ela pode interpretar a escola como única via de ascensão social, fato constatado mais comumente nas frações populares, como é o caso do nosso estudo. Observamos que esse é um fator presente em todas as narrativas, sendo que: 3 alunos não comentaram sobre nenhuma influência que os levaram ao ensino superior e também não tem nenhum parente ou familiar que tenha chegado ao nível superior; outros 3 alunos não tem nenhum caso de familiar ou parente que tenha chegado ao ensino superior porém tiveram estímulos de amigos, geralmente ligados aos ambiente de trabalho dos alunos, que os incentivaram a procurar o curso de graduação em Química; outros 10 alunos apresentam influências das famílias no encaminhamento para o ensino superior, desses 2 foram incentivados pelas esposas e não tinham familiares com tal grau de instrução, 1 dos alunos não tinha nenhum dos 4 irmãos com nível superior, porém seus primos eram formados e acreditamos que eles possam ter influenciado a opção do aluno, nos outros 7 casos percebemos que o nível superior era um passo natural na família, pois todos os irmãos também chegaram à faculdade ou, pelo menos, nível técnico, com exceção dos irmãos que ainda não estão cursando o ensino médio em função de sua faixa etária. O fato dos irmãos serem referência desses alunos pode ser justificado pela baixa escolaridade dos pais e pela mudança nas condições de acesso ao nível superior, já comentada, que atualmente, torna essa possibilidade comum aos jovens. Apresentaremos a seguir algumas situações que revelam estas estratégias dos alunos.

Para 3 alunos, colegas e amigos, geralmente ligados ao trabalho, tiveram papel fundamental no caminho ao curso superior. Mara tem um colega de trabalho que frequenta o curso de Farmácia nessa mesma instituição de Ensino Superior e que viu os preços para ela e a estimulou a estudar, a escolha pela química se deu pela proximidade de sua casa ao pólo petroquímico e porque ela teve um bom professor de Química no colegial. Mas, a família não se importou com o fato de ela estar no ensino superior porque “não tem idéia do que significa fazer faculdade”. Diana, como já citamos, é filha de músico com nível superior, porém, ela perdeu contato com o pai depois que ele abandonou a família, assim, a aluna conta sobre suas grandes amigas (gêmeas) que foram fazer faculdade de medicina em outro estado. E ela atribui a escolha pelo curso de Química ao fato do farmacêutico da indústria onde trabalha a ter convidado para trabalhar no laboratório e ter dito que ela deveria fazer faculdade. Rui teve grande influência de um amigo que foi seu professor de inglês na Bahia e lhe deu um emprego em São Paulo. Esse amigo fez cursinho junto com Rui e passou no vestibular da USP; atualmente a esposa de Rui também é graduanda em letras e o incentivou a ingressar no curso. A opção pela Química se deu por curiosidade “de como as coisas funcionam” ou são feitas; pela opinião de amigos, entre eles um estudante de Química; além da “carência de profissionais na área”.

Como na história de Rui, cuja esposa foi um incentivo, outros dois alunos atribuem a elas o ingresso no ensino superior. Silvio está desempregado e sua esposa paga o curso de graduação para que ele possa mudar de área e encontrar um emprego melhor. Segundo ele, a escolha pela Química se deu, pois ela acredita ser “um curso de prestígio” e também porque a Química lhe despertava curiosidade. Eli conta que a esposa “pediu” que ele fizesse faculdade, ele acredita que com a graduação conseguiria um emprego melhor e poderia comprar a casa própria. Giovana também conta que o namorado a ajudou a escolher o curso de graduação e a família apoiou a idéia.

Na maioria dos casos (10 alunos) percebemos que a família tem maior influência nas escolhas dos alunos, e descrevemos algumas situações a seguir. José conta que seus avós davam muita importância para a escola e para que os netos “não falassem errado”; sua tia é formada em Psicologia e sua prima em Nutrição, o irmão cursa o 5º semestre de Administração. A escolha pela Química veio por influência do pai que trabalha na área metalúrgica e por ele acreditar que lhe “trará retorno”, embora o pai quisesse que ele fosse engenheiro e a mãe, enfermeiro. Lúcio tem uma irmã bacharel em Química e um irmão técnico químico pelo SENAI, ele também

trabalha como técnico químico e queria o prestígio social de um curso superior. Joice não teve muito apóio da mãe na vida escolar, mas a avó sempre esteve presente. Ela sempre “acreditou” na neta e a opção pela Química veio da influência de uma professora do colegial que lhe “mostrou que a Química não estava longe do cotidiano”. Beto contou que na sua família a irmã mais velha fez Magistério e dava aulas; a outra se formou enfermeira; outra fez curso técnico em enfermagem; e o irmão fez cursinho e FATEC. Ele queria fazer Engenharia, mas como não podia pagar, optou pela Química por ter um campo de trabalho amplo. Ana conta que desde pequena seus pais lhe perguntavam o que ela seria quando crescesse além de sua mãe ter curso superior a irmã cursa Direito. Ela optou pela Química porque um professor do colegial lhe mostrou que a Química tinha tudo a ver com ela, e outra professora da mesma área, sabia explicar, era paciente, bem humorada e simpática e a deixou “doída por Química”.

CONCLUSÕES

No decorrer deste trabalho procuramos analisar, de uma perspectiva sociológica, as trajetórias escolares de 16 alunos de graduação em Química de uma universidade particular paulista, com o objetivo de desvelar o perfil destes alunos e o motivo que os levou a optarem pelo ensino superior e pela área de Química.

Inicialmente destacamos a nossa percepção sobre a homogeneidade dos dados encontrados, que pode ser justificada pelo nosso referencial teórico, segundo o qual a identificação das condições materiais de existência que caracterizam um determinado grupo ou fração de classe tende a produzir sistemas de disposições semelhantes, pelo menos parcialmente, em todos os agentes que compartilham dessas mesmas estruturas objetivas, resultando na relativa homogeneidade do *habitus*. Em outros termos, os agentes de uma mesma fração de classe submetidos aos mesmos condicionamentos, colocados, portanto, em condições objetivas idênticas, passam por um processo de homogeneização do *habitus*, distinguindo-se, a partir daí, dos agentes pertencentes aos demais grupos sociais. Essa homogeneidade está no princípio da harmonização objetiva das práticas de todos os membros pertencentes ao mesmo grupo social. E pode ser percebida, não só pelos dados levantados em nossa pesquisa que revelam o patrimônio cultural desses agentes, mas também pelo capital lingüístico dos mesmos, revelado nas transcrições literais dos textos dos alunos presentes nesse trabalho.

Quanto a esse perfil, observado nos alunos, percebemos que ele está de acordo com o perfil maior dos alunos desta instituição – segundo nossa percepção enquanto docente – e também dos cursos de graduação em Química brasileiros, que notadamente não é um curso reconhecido como de prestígio ou direcionado às camadas superiores

“(…) os graduandos dos cursos de Química são, em sua maioria, 52% do sexo feminino, 40% com idade de até 24 anos e 36% entre 25 e 29 anos, com média de 23,1 anos. Vinte e nove por cento declararam que suas famílias têm renda de até 3 salários mínimos, enquanto 57% entre 3 e 10 salários. Apenas 21% não exercem atividade remunerada para sustento próprio; 28% trabalham e, ainda assim, necessitam da ajuda familiar; 18% se sustentam com o próprio trabalho; 23 % trabalham e contribuem para o sustento familiar; e outros 9,3% são responsáveis pelo principal sustento da família. Mais de 60% desses estudantes usam o transporte coletivo, enquanto 20% têm moto ou carro”. (ZUCCO, 2007).

É importante ressaltar, ainda, que a metodologia de coleta de dados adotada não permitiu obter todas as informações que estávamos procurando; acreditamos que teria sido mais proveitoso utilizar entrevistas semi-estruturada. Por outro lado, o texto escrito de forma livre permitiu que eles contassem sobre fatos marcantes de sua trajetória o que mereceria uma análise mais detalhada e cuidadosa da história de cada licenciando; entretanto isso não era o escopo desta investigação.

De modo geral, acreditamos que nossa análise mostra claramente a relação entre o patrimônio dos agentes e as suas trajetórias escolares, como era objetivo deste estudo. Destacamos os percalços, desvios e atrasos presentes nas histórias dos alunos e o conseqüente encaminhamento para a rede particular de ensino superior. No entanto, ressaltamos que, dentro da fração de classe analisada, a frequência ao curso de graduação já representa uma diferenciação desses alunos e percebemos, em suas histórias, que essa busca pela qualificação profissional tem origem, principalmente, na influência da família, ou seja, do capital social e familiar, como destacado na análise e na teoria. Essas informações são essenciais para que o docente possa planejar melhor suas ações, evitando que as disciplinas privilegiem os alunos dotados de uma suposta relação natural com o saber ou cultura legítima, o que, notadamente, não é o caso dos estudantes analisados. Da mesma forma, esses dados poderiam ser utilizados para que a instituição implemente ações de acompanhamento desses alunos, visando a permanência dos jovens no ensino superior e favorecendo a reestruturação do *habitus* desses alunos.

REFERÊNCIAS

Bourdieu, P. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, Organização e Seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. “Avenir de classe et causalité du probable”. França. Editions du Centre National de la Recherche Scientifique, **Revue Française de Sociologie**, (XV), nº1, janvier-mars, 1974b, pp. 3-15.

_____. **Pierre Bourdieu: Sociologia**. Organizador Renato Ortiz. Tradução de Paula Monteiro e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Coisas Ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.

_____. **Escritos de educação**. Seleção, organização, introdução e notas Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

Muzetti, L. R. Consenso ou conflito: contribuições das teorias sociológicas de Émile Durkheim e de Pierre Bourdieu. **Boletim do Departamento de Didática**, Araraquara, v.16, n. 15, p.43-62, 1999.

Nogueira, C. M. M.; Nogueira, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, v. 23, n 78, p.15-36, 2002.

Setton, M. G. J. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, p. 60-70, 2002.

Thiry-Cherques, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, v. 40, n. 1, p.27-53, 2006.

Zucco, C. Graduação em Química: avaliação, perspectivas e desafios. **Química Nova**, v. 30, n. 6, p. 1429-1434, 2007.